

# RENAASCENÇA

N.º 26.

## ASSIGNATURAS

### PROVINCIAS

Por tres mezes. . . . . 2\$000  
Por seis . . . . . 3\$500

## PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

### REDACTORES

Santos Junior, Avellar Andrade, Athanasio de Almeida •  
Teixeira Duarte.

## ASSIGNATURAS

### CORTE

Por tres mezes. . . . . 1\$500  
Por seis . . . . . 2\$500

REDACÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

ANNO I

RIO DE JANEIRO, 21 DE AGOSTO DE 1878

NUM. 1

## RENAASCENÇA

Rio, 21 de Agosto de 1878.

E' uma ousadia, talvez, resolvermos começar esta tão longa quanto perigosa jornada, mas é uma esperança que nasce e uma crença que vive!

Essa resolução não é mais que a consequencia de uma inspiração sublime e de um sentimento puro e ao mesmo tempo patriótico: o amor ás letras.

Amar as letras é amar a patria; cultivar a intelligencia é engrandecel-a, descobri-la mais largo horizonte e construir-lhe um pedestal que a leve ao apogeo de sua grandeza!

O cultivo da intelligencia, podemos dizer, é a força dos povos, o caminho da gloria e a porta da immortalidade.

Cultivemo-la, pois, procuremos a instrução, visto ser ella o verdadeiro motor do progresso, e o homem sem ella um perfeito anathema!

Procuremos-a porque, só ella eleva o homem, ennobrece sua alma e suavisa o mais ríspido character.

Esse amor, pois, pela instrução, alhegon-se em nossos corações varenis, e o desejo de adquiril-a impellio-nos a dar este arriscado passo, publicando este nosso pequeno trabalho que os santos chamam — um jornal.

Arduo, dizem e tão farruco a tarefa, nós o sabemos; mas que fazer? Qual o elemento que a pôde levar avante? O trabalho e o socorro o trabalho.

Somos nós, pois, esprehecedores lusos, que hoje nos apresentamos na vasta arena do

jornalismo, não para defender uma idéa politica, mas um interesse, e esse interesse é a instrução que procuramos.

E' uma lembrança do seculo XVI e homenagem que humildemente rendemos aos grandes vultos que nessa era ergueram a humanidade do nada a que estava reduzida!

E' um desejo innocente o continuarmos a obra desses grandes homens, que nessa epocha em que o character era uma hypothese, a tyrannia uma hyperbole, tiveram a verdadeira coragem de arrostar a peste, a fome, os horrores da guerra, o despotismo do feudalismo para fazerem resuscitar as letras, sciencias e artes.

Lembramo-nos dessa epocha celebre e importante na historia dos povos; lembremo-nos de Machiavel, Tasso e Rousseau, de Miguel Angelo, Raphael e Vinci, e admiremos a grande renascença!

D'ahi a nova ordem das cousas e o progresso moral e intellectual do homem; d'ahi o desejo de nos crearmos.

Assim, pois, á essa arena em que tão illustre e gloriosos gladiadores tem lutado e lutam, nós não vemos colher louros que de anta-mão vemos que não merecemos, mas procurar uma luta que seja compativel com os nossos fins.

Cumpre, porém, acrescentar que antes de resolvermos dar definitivamente á publicidade este nosso pequeno jornal litterario, tinhamos previsto a critica a que estariamos sujeitos. Não desanimamos, e firmes e resolutos tomamos sobre nossos hombros a pesada tarefa de redigir um jornal, porque a critica que nos for feita por homens illustrados e sensatos, essa ser-nos-ha

lhar, libra as azas e voando se remonta além pelo espaço em busca de um mundo que ella deseja o ausa, que ella anseia e quer, embora a luz da razão lhe brade lá do intimo — que tal mundo é chimérico.

E eu vou muitas vezes, enojado do presente, recostar-me á sombra do passado, aspirando a balçagem de uma tenaz e fria esperança que o futuro me envia.—E, ficando um e outro, não encontro confiança neste e nascem-me saudades daquelles. Ah! Que tão rapido se paz o sol dos meus dias de felicidade.

E é na estação das flores, na quadra do universal amor, que o espirito que ella me deixou no espirito punge mais agudo o acerbo o meu coração. Porque a primavera, que tudo arventa,

util e proveitosa; e a que emanar dos zoilos, silenciosos, deixal-a-hemos seguir sua rotina de destruição.

Estabelecido o nosso programma e tendo em vista o fim a que nos propomos, esforçar-nos-hemos por agradar ao publico a quem temos a honra de apresentar o *Renascença*, que espera merecer a protecção de que o julgarem digno.

## LITTERATURA

O Rio de Janeiro é uma das cidades deste vasto imperio onde mais abundão jornaes litterarios de pequeno formato.

Elles são semelhantes ás borboletas que adejam e pululam por toda parte.

Como estes pequenos alados insectos são variados: uns estentam em seu estylo as côres da opala, outros as do azul do céu, outros as do arco-iris, outros ás da noite, e outros ainda côres du-bios, sem expressão.

Como as borboletas tambem só vivem: *Les paces d'un matin*, como a rosa de Matherbe.

Muitos até ao sahirem das crysalidas parecem arrebatados pelos furibundos pegões do vento que sóham o seu nascimento.

Singular audação!...

Porém, como as borboletas, não deixam de existir.

Morrem nos, outros sargem como por encanto. Na arena ha sempre batalhadores.

Ainda bem.

tudo rejuvenesce, e tudo amenisa, imprimo nos labios della um osculo de morte e um raio de sol tão desbotado a face linda e pura.

Dem-me lembra ainda.

Seria impossivel eliminaar-lhe a imagem do espelho da minha memoria esquecer-me dos brinquedos da nossa infancia tão alegres, suaves e innocentes.

Contava eu oito annos e ella sete. — Já então nossa intima amizade se tinha arreigado tanto e eram tão apertados seus laços como se viveramos de lá muito.

Eu para ella e ella para mim, julgavamos nós ser dois antes que haviam dormido no mesmo berço e recebido em nossos labios os beijos de uma só mãe.

## FOLHETA

### ELLA!

POU

SANTOS JUNIOR

Como é bello ir a altas horas da noite de-vagar, tendo por companheiras apenas a brisa que fagueira e docemente agita com seu sopro de ambrosia os arbutos em flor, a lua cheia, que no seu meditar de tristeza, nos beja o rosto com pallidos reflexos e emfina a juryl tímida ao longe gorgעיando arias de melancolia e amor!

E' então que a phantasia, acordando do torpêr e do adormecimento em que o dia a veio mergu-

Não são sómente os pequenos jornaes, esses que apenas bocejam, que procuram instruir-se e tomar, a medo, um modesto e obscuro lugar na communhão das letras, que tem sido ephemera, os mesmos que são firmados por nomes de renome e cujo merito perecem de inanição.

Entretanto, pensamos que deviam ser recebidos de braços abertos pelo publico.

O publico devia cobri-los de flores.

Estes, porque nelles encontra uma fonte lustral e inexgotavel de instrucção.

Aquelles, porque representam um esforço nobre um tentamen legitimo e louvavel, uma aspiração sublime.

Condorez implumes elles ensaiam na matizada planície a vôo que mais tarde os deve levar aos altaneiros pináculos das elevadas montanhas.

Felizes daquelles cujas oas não são despedaçadas pelo raio!

Mas qual a causa dessa indifferença do publico?

A nosso ver é a falta da instrucção popular.

A instrucção é o pão do espirito, é a luz da alma.

Dae, desse pão e dessa luz ao povo, que a indifferença fugirá envergonhada a embrenhar-se nas matas.

Dae, que a vida ephemera e precaria dos jornaes litterarios tornar-se-ha longa e duradoura.

E aquelles que lutão, embora mesmo vencidos, terão a suprema ventura de verem coroados os seus esforços.

O.

## A POESIA

Os gregos, o povo mais culto da antiguidade, cujo saber, cuja illustração os proprios romanos, seus vencedores, e senhores absolutos do universo veneravam, attribuiram a invenção da — poesia — a Orpheu, Lino e Museo.

Mas este florido padrão de gloria, que elles, levados talvez por um orgulho desmedido, pretenderam reunir a tantos outros, que os immortalisaram, não lhes foi sancionado pelo juizo justo e imparcial da historia e da posteridade.

Em outras regiões e em epochas anteriores ás em que floresceram esses personagens já era a poesia cultivada.

Porém a sua origem nos é infelizmente desconhecida: perde-se, envolve-se no tenebroso manto dos tempos.

Parecia que havíamos sido acalentados ao adormecer com o mesmo canto e com o mesmo canto ao despertar.

Nas tardes de Maio doudevava em pelos campos e ao voltar trazia-lhe as mãos cheias de flores e os bolsos de ninhos d'ave, que me seguiam, chorando a perda dos filhos que lhe levava.

E ella sentia tanto prazer em tocar-se com as minhas flores! gostava tanto de criar as avesinhas que depois se mostravam agradecidas, acarinando-a e mostrando-se voluntaria e meigamente suas escravas.

A proporção que nossos corpos se desenvolviam, redobrava lá dentro a affeição de irmãos,

Suppõe-se contudo, que na India existiram os primeiros poetas, cujas produções se acham escriptas nos Vedas, livros sagrados desta nação.

Mas isto não passa de uma mera supposição fundada na opinião dos ethnologos, que asseveram nossa raça proceder dos hindous.

O que é certo, porém, e não pôde soffrer contestação alguma, é que os poetas têm sido os primeiros escriptores de todas as nações.

Antes dos Herodotos, dos Thucydides e dos Xenophontes existiram os Orpheus, os Linos, os Museos, os Homeros e os Hesiodos.

O magico e esplendente poder da poesia foi conhecido por todos os povos, desde os mais cultos como os hindous, hebreos, gregos e romanos até os barbaros como os gaulezes e germanos e ainda até mais selvagens como os da Africa, Polynesia e os aborigenes das duas Americas.

A poesia em sua origem era rude, como os primitivos povos, sem ordem, sem arte e imperfeita; mas ao mesmo tempo energica, forte e hyperbolica — era a singela expressão das paixões humanas.

Não se tinha captivado ainda ao vil e aureo metal, que hoje governa soberanamente o mundo, e a uma vaidosa pretensão de renome e de gloria; não era um ignobil instrumento, uma miseravel especulação; não incensava, não lisonjeava os vicios, as paixões desordenadas e o poder arbitrario dos grandes e dos poderosos.

Não, nobre e sublime, grandiosa e excelsa era a sua missão: — ella cantava as grandezas e louvores da Divindade, as maravilhas magestosas e surprehendes da natureza, a gloria, as façanhas, os illustres feitos dos heróes, o amor, a alegria e a dor.

Nada tinha de artificial e ficticia: era a singela expressão do coração humano.

O. A.

## O PANORAMA DA TARDE

(CONTEMPLAÇÃO)

Gozemos por momentos deste quadro cuja belleza nos fere a vista.

E' a tarde que vem bella e agradável annunciar-nos a noite!...

Assentado no limiar da porta de sua habitação, um ente contempla absorto as maravilhas da natureza: respeitemos sua contemplação!

Lança de quando em quando um olhar pathetico ao espaço que o cerca!

Que vê?

que agora creio era mais que isto, ainda que pouco para notar-se.

Mais tarde, sim, quando as paixões fortes germinavam...!

Fazia eu dezoito e ella dezasete annos.

Era uma tarde de Abril.

Estava tepido, sereno e cheio de perfumes o ar e a calhndra dava o ultimo adeos ao crepusculo da tarde. — Assentados no pé de uma fonte cujas bordas matizavam odoríferas flores, estávamos eu e ella.

Um anno depois, pelo mesmo tempo, uma corô, de violetas entrelaçada de perpetuas pendia dos braços de uma cruz, sobreposta a uma sepultura modesta e singular. — Um trancheo orava ao pé

Uma aureola que parece cingir a terra, um fio de ouro que parece bordar o céu; é o sol que tendo cumprido sua missão diurna dirige-se para o occidente.

Uma area immensa recebe ainda uma claridade tenue dos raios do sol fugitivo: é a tarde que chega e seduz ao contemplativo.

A brisa fresca e amena, vem ligeira e subtil afagar ao mortal extasiado diante desse quadro arrebatador; os passaros, esses mimos da natureza, cruzam felizes o espaço, e os pios sonoros que lhes escapam vem de quando em quando ferir-lhe o ouvido.

Lança mais além suas vistas devoradoras do esplendido espectáculo que a natureza lhe offerece: que vê ainda?

Os animaes pastarem alegres e soffregos á espera da noite que se approxima.

As plantas bafojadas pela doce viração da brisa offerecerem suas hastes murchas ao benigno orvalho que as vem aleantar e em sua muda linguagem agradecerem ao Creador!

Que bello, esplendido e sublime espectáculo não é o da tarde! murmurou elle.

Quanta belleza, esplendor e magnificencia não offerece a natureza nessa hora em que a noite vem sepultar o mundo em trévas e os duendes passear na escuridão!

Que bello, brilhante e surprehendente panorama não se apresenta então neste zimbório infinito cujo architecto é o Creador!

Tudo é grande na natureza; variados os seus scenarios e indefiníveis as suas bellezas!

Disse e mergulhou-se de novo em sua contemplação. Maravillado de tanta belleza cahira em profundo silencio em que permaneceu por muito tempo: dir-se-hia que dormira.

Passaram-se as horas.

Subito levanta-se, uma escuridão profunda o cercava, olha para o céu e... a noite cahira, no firmamento brillavam as estrellas!

T. ERAUD.

Rio, 19 de Agosto de 1878.

## PARTE SCIENTIFICA

RABELAIS

(TRADUÇÃO)

I

Michelet pronunciou esta grande e profunda oração: « A renascença marcha com a natureza a qual imita pouco a pouco... Tal é a profunda

com os joelhos no chão, enxugando uma lagrima furtiva que teimosa vinha de quando em quando molhar-lhe as faces.

Era eu.

Lua que lhe osculaste o semblante de neve, que ella amagava tanto, flores que lhe ereis tão caras, echos que lhe repetistes ufanos a voz angelica, vós todas que a amáveis e a quem ella tambem amava ternamente, soltae, soltae como um tributo um suspiro de amor e saudade por ella. Por ella que rosa na virtude e formosura não viveu mais vida do que a que vivem as rosas.

Rio, 6 de Agosto de 1878.

pintura de Vinci, que primeiro viu o grande pensamento moderno: a aliança universal da natureza... Então começa um mundo de humanidade e de sympathia universal. O homem é, enfim, o irmão do mundo. Eis aqui o verdadeiro sentido da renascença: ternura e bondade pela natureza. O interesse dos pensadores livres é o interesse humano e sympathico.»

Esta revolução da natureza não se operou bruscamente em todas as espheras do espirito. Havia sido preparada nos seculos XII e XIII pelos trabalhos de Alaillard, de Roger Baron, pelo livro mystico de Joaquim de Flore. Nas mais profundas trevas da idade-media brilharam, aqui e acolá algumas estrellas. Mas quão fraco e vacillante, e quão ephemero não é esse brilho!

Em que caracter reconheceremos a renascença, e como triumphará definitivamente a razão e a justiça? Em primeiro lugar pela revelação da Italia, quando Carlos VIII, Luiz XII e Francisco I transpõem os Alpes e pisão a terra das maravilhas antigas. Em segundo lugar, quando Gutenberg, e após elle os Aldes, os Estienne, os Froben imprimiram os philosophos, os juristas e os poetas. Então apparece o colossal *Corpus juris*. O direito romano ergue-se contra o direito canonico, e a Roma papal é exceedida em toda a grandeza do direito humano pela Roma eterna.

Virgilio é impresso em 1470, Homero em 1488, Aristoteles em 1498 e Pláto em 1512. Aldus em 1508 fez apparecer uma edição completa dos Adagios de Erasmo Froben, de Basileia, os reimprimiu seis vezes, e Bude, o sabio numismatico e philologo, dizia deste livro: «E' o thesouro de Minerva, to dos nelle acham recurso como nas paginas de sibilla.»

Vê-se, então, claramente que esta antiguidade representada em seu todo pelos Yanotos de Braguardo, de que falla Babelais, «penteados a cesareana, galantes, vestidos de purpura, syllogizando na pedra philosophal, resumidores, escriptores, copistas, borradores de papel, escripturadores de pergaminto» era a elegancia personificada, o urbanidade, a graça e a belleza. Os jovens estudantes enusaram-se desde logo da loura Venus, e os anciãos suspiraram por Minerva ou Hebe. Então nasceu um enthusiasmo immenso universal.

Com o mesmo ardor com que Brunelleschi escavara Roma, desenterravam-se as medallas, o dinheiro, os baixo-relevos e os manuscritos. Por sua vez a França fôra presa da febre sapiente dos Picos de Mirandola, dos politicos, dos Filolpos. Envolvia em seu braço escolastico o feudal as armas de Homero e de Virgilio.

Os impressores eram as prophetas dessa resurreição.

Noite e dia, na velha rua de Saint Jean de Beaurvais, na praça Bruneau, gemiam os prêlos dos Estienne. Ali todos, quer mulher quer homem, trabalhavam; todos vivendo a mesma vida intellectual, dedicados á mesma idéa, partilhando o pão das maravilhas, commungando na mesa da antiguidade. Os correctores eram os maiores espiritos da epocha: o grego Lascaris, descendente dos imperadores de Byzance; o historiador allemão Rhenames; o aquitano Ranconnet, mais tarde presidente do parlamento de Paris; Musurus, a quem Leão X fez archebispo.

«Posteridade! dizia Henrique Estienne; tu poderás descansar, nós trabalhamos por ti.

«Dormirás pacifica e feliz depois de nossas vigilias.»

E em seu prefacio de thucydide, dedicado á seu irmão: «Recebe, amigo, o producto do suor que um trabalho aspero tira da minha fronte durante o rude inverno e as sombrias noites, em que escrevias brando sopro do vento.

## II

Entre tantos homens elevados, devorados pela sede da antiguidade, alumados pela luz dos tempos modernos, o que desejam renovar o mundo mergulhando-o nas fontes de Roma e de Athenas, no Tibre e no Illyssus, desertares da idade-media, soldados da renascença, o maior, o melhor e o mais extraordinario é Francisco Rabelais. Até a embriaguez, bebea elle pela taça cinzelada e profunda da antiguidade; porém, sempre, ainda mesmo nessas sabias orgias gregoromanas conservou o sentimento profundo da vida unica e universal.

Genio verdadeiramente humano, pertence elle a essa raça de raros espirites da qual disse um critico:

«No passado grego, depois do grande vulto de Homero, que começa gloriosamente essa familia, e que nos dá o genio primitivo da mais bella porção da humanidade, custa a saber-se a quem seguir.» (Saint Beuve, prefacio de Molière.)

Por mim, eu seguiria sem hesitar a Eschylo e Aristophane. O primeiro, figura grandiosa, epica dramatica, sacerdotal; o genio da tragedia. O segundo, brilhante, lyrico, audaz — a mascara da comedia e da satyra. Em Roma eu não collocaria Virgilio nem Horacio, e ainda menos. Ovidio ou Lucano. Virgilio, por maior que seja minha admiração pela sua poesia melodiosa, penetrante, imita Homero na Eneida, nas Bucolicas, o syracusano Theocrito, Bion e Moschus, e Hesiodo nas Georgicas. Horacio não é mais que um misto feliz, delicado e agradável de Pindaro e de Anacreonte. Ovidio e Lucano apresentam já os symptomas de decadencia. Porém eu contaria entre os semi-deuses da litteratura: Plauto e Lucrecio; Plauto, tão grande, tão profundo e diferente de Aristophane; Lucrecio, maior que Hesiodo «espirito que busca a erigem de todo» (V. Hugo, Shakespeare), philoso-poeta, visionario, e cujo verso parece ser bebido nas proprias fontes do infinito.

T. Duarte.

(Continúa.)

## VARIEDADE

EURYDES

EPISODIO

Lentamente decalia a tarde, o sol se occultava por de traz dos montes dando ás nuvens um bello cor de rosa, que o proprio pincel de Raphael não poderia imitar.

Imaginae uma verde campina com arvores e arbustos aqui e alli. No meio um ribeiro correndo em zig-zag, entrando nella por uma pedra coberta de verdejante musgo. Ao lado uma pequena

gruta forrada de pedrinhas multicores que a espaços recebem gottas d'agua crystalina.

Pois bem, é nessa campina que o leitor encontrará, um pouco desviada da gruta, uma choupana.

Está situada no lugar mais bello: dali se descortina um lindo panorama.

A tarde decalia lentamente. Eu passeava nessa campina admirando a sua belleza, colhendo flores e desfelhando-as por distracção.

Assim percorrendo a, cheguei até a gruta. Ah! admirava ainda mais a belleza da natureza, e apreciava o monotonos murmurio da agua nas pedras que bordavam o seu leito. Estava já por muito tempo contemplando esse primor, quando fui despertado do lethargo, em que me achava, por uma voz que disse:

— Senhor...

Voltei-me e vi junto á mim uma bella joven de cabellos louros, deixando ver na assetinado rosto duas rosas que sobressaíam á pelle alva como o leite; cintura tão flexivel como a mais tenra haste de florida vergantea; e enfim tão delicada e tão bem feita de corpo, que parecia mais um anjo que um ente humano.

Suas vestes indicavam pobreza; a physionomia lia-se alguma cousa de singular; um mysterio talvez... Depois de alguns minutos, observando sua commoção, e vendo que não se atrevia a continuar, perguntei-lhe:

— O que senios? Vamos... falla... falla... eu te supplico...

Acabava eu de pronunciar estas palavras, e duas lagrimas rolavam-lhe pelas faces. Ella respondeu-me meigamente:

— E' verdade, senhor, soffro muito... soffro muito, sim!... Venho pedir-vos um auxilio... soccorrei minha mãe, que se acha mergulhada na mais profunda agonia... Eu só nada posso fazer... Perdi meu pai ha alguns mezes, e minha mãe jaz no seu pobre leito, atormentada pela dôr, pela agonia da morte.

— Onde está sua mãe? perguntei-lhe.

— Vamos, para lá vos conduzirei. É aquella choupana, que se avista além

Segui-a. Depois de algum tempo de caminhar apressoado entravamos juntos na sua habitação.

Logo na entrada havia uma saleta, em que se via alguns trastes irregularmente collocados.

Nessa saleta havia duas portas; uma que dava para os fundos da choupana e outra para o quarto em que se achava a mãe da formosa desconhecida.

Ao entrar ouvi uma voz sumida:

— Eurydes...

Foi então que soube o nome da desconhecida.

A essa vez a bella Eurydes respondeu:

— Minha mãe... aqui estou. E, pedindo-me para segui-la, rapida entrou no quarto.

— Vem, minha filha, quero abraçar-te... Deos me chama...

Depois de abraçar a filha dormia o somno eterno.

Seguiu-se um grito de dôr...

Era Eurydes que exclamava em delirio:

— Soccorro, meu Deos!... tende compaixão de mim... eu fôo desamparada...



E as lagrimas cahiam abundantes sobre o cadaver de sua mãe!

Passou-se a tarde. Eu chorava vendo chorar essa virgem: debalde procurei consolal-a.

As lagrimas corriam-lhe pelas niveas faces; os soluços, arrancados do fundo do peito; perdiam-se no espaço; ella apartava contra o seio as mãos do ente que lhe fôra mais caro na vida, e erguendo-se de vez em quando imprimia-lhe um beijo nas frias faces, exclamando:

— Minha mãe, porque me abandonaste?

Cálida a noite e ella a soluçar... Terrível noite para quem fica a sós no mundo!...

Ao longe ouvia-se o pio agoureiro da coruja. Tudo era triste e silencioso!...

Alvorecia... e ella ainda ajoelhada ao lado de sua mãe! Foi procurar alguém que me ajudasse a dar sepultura ao cadaver.

Voltei, encontrei-a na mesma posição. Vendo que ella não deixava o corpo inerte de sua mãe, um só momento, disse-lhe:

— Escota... tua mãe dorme o sono dos justos. E' na verdade uma dor immensa que te dilacera.

Mas que fazer? Deos o quiz!... Consola-te...

— Impossivel... não me posso consolar... estou abandonada no mundo!

— Eu te ampararei...

— Obrigada, senhor, sois um anjo enviado a terra por Deos para somnolar-ma...

Depois de pequena pausa, continuou:

— Meu Deos, que mal te fiz?

E, momentos depois, volta que havia mais alguém na quarto, pergunta-me:

— Para que estes homens?

— O corpo de tua mãe deve ter uma sepultura, disse eu.

E ella delirante bradou:

— Meu Deos!... meu Deos, ampara-me...

Avellar Andrade.

## O HOMEM SEM DESEJO

O homem sem desejo é um corpo sem alma, um morto ambulante, um espectro que mette medo. O seu olhar é frio, a sua conversação fria e nua.

Se quer falar, interrompe a cada instante, não dá que não possa terminar um discurso, que se tenha arde por pedir alguma coisa. Foga-se delle como de um empastado, e é sempre considerada como um peso inútil sobre a terra. Se tem talento, não o pode desenvolver, e se o não tem, é olhado como um errante e inútil animal, que a natureza produzio em occasião que estava de mau humor.

Os inimigos dizem que não tem prestimo. Os mais moderados sobre este assumpto, algum, e seu elogio encobrendo os hombros. começam a e o desperta pela manhã e a mi- A necessidade, á noite para a cama. As mu- seria o acompanha. má figura; os dones de heres acham que tem. em que se sustente do as am que mora quer.

ar como camaleão, e os alfinates que se vista como os nossos primeiros pais, com folhas de figueira.

Se quer fazer alguma reflexão, não se lhe presta attenção, e se espirra todos estão surdos. Se precisa alguma coisa de qualquer loja, pede-se-lhe primeiro o seu importe, e se tem alguma dívida passa por caloteiro. Se adoecer, nunca o medico acha occasião de visital-o, e por fim, quando morre, é levado para a valla pelos gatos pingados da Misericórdia.

(Extr.)

## POESIA

### PALLIDA FLOR

Pallida flor dos perfumados ermos,  
Tu, que os mysterios da solidão divina  
Na corolla modesta e encantadora  
Guardas moiga, singela e peregrina,

Me diz, pallida flor: porque sou triste?  
Porque no peito meu vagos anhelos  
De vagos sonhos estremecem mudos?  
Porque, pallida flor dos ermos bellos?

Porque sómente ao alvorecer da vida,  
Na minha infancia bella e descuidosa,  
As alegrias expansivas, francas  
Parar vinham na fronte radiosa?

A's vezes são instantes passageiros,  
Lucidos intervallos da tristeza—  
Paraço despertar, então minha alma—  
Se alegre a pomposa natureza!

No mesmo deslizar desses momentos,  
Quando a mente se enleva distrahida,  
Porque sinto um não sei o que de triste  
Annuiar-me a fronte escandecida?

Porque do inverno os gelos reseccaram  
De minha primavera a c'roa olente,  
E n'um scismar de angustias pungitivas  
A minha alma se engolfa eternamente?

Porque sem dó, sem pena, o desalento,  
— Essa chaga asqueirosa, vil, nociva,  
Mais pegonhenta que as do pobre Lazaro,  
Corrodo-me a creença e a inspiração altiva?

Porque da vida os vendavaes tyranos  
Perpassam sobre os meus tristes cabellos?  
Porque sendo tão moço eu soffro tanto?  
Porque, pallida flor dos ermos bellos?

O. A.

Rio, 1878.

### ENCANAÇÕES REMASTAS

MAGDALENA

A. A. A. Aranjó

Queo fêça? Quem quer, lançar? Em praça  
Vende-se barão do m'ã grande arteria,  
E' Magdalena. Já foi cortês e celebre,  
E hoje vai tombando nos autos da miseria.

Um, dois, tres—Ninguém—Tudo silencio.  
Contemplam avilante a scena da desgraça.  
A que ponto chegaste tu, oh! Magdalena.  
Nem um ceíil por ti offerece a população.

— Ha muitos annos já que é este o meu fadário.  
Qu'importa? Se as creenças bíblicas, tão bellas,  
Que minha mãe lançou-me no berço de infancia,  
Repto-as en aos ecos em noites só d'estrelas.

Se quando minha alma e corpo estavam virgen  
Dias antes de eu entrar neste martyrio,  
Muitas vezes sonhei que um anjo tinha  
No meu leito de virgem posto um lyrio.

E á hora em que nascia a luz da madrugada  
Eu sabia a coltar boninas lá no prado.  
Que mais hei de querer? Já fui mui bella, hoje  
Mandei rapar o cabelo á grisa de soldado.

Foi-se retirando de perto a multidão,  
Na face ia-lhe o horror de quem vê a miseria,  
Atiraram n'um carro o corpo, e seguiu logo  
P'r'o chão dos hospícios a edição d'Imperia.

Romário M. dos Santos Junior.

Rio, 2 de Agosto de 1878.

### SONHO DE AMOR

E assim reclinada no turbido leito  
Sen pallido peito de amores tremia.

VARELLA (NEVROS)

Tudo era nos ares silencio profundo,  
Tambem cá no mundo silencio fazia;  
E assim em meu peito rainava uma calma  
Por ver uma palma, que—Venus—trazia.

Era essa uma palma tão bella e ditosa,  
Tão pura e formosa na leito a sorrir;  
E tudo em silencio no mundo, nos ares,  
Eu via nos mares as nuvens cahir.

Cheguei-me de manso mais perto—era ella!  
Oitada, tão bella, no leito dormia...  
E assim reclinada no turbido leito  
Sen pallido peito de amores tremia.

Depois de um silencio reinar em meu peito,  
A's d'ócos affeito, mais perto me achei;  
Depois um sorriso dos labios partindo,  
Assio eu sorindo... Que beijo lhe dei?...

Depois outra tanto silencio passou-se  
E ella inda achou-se mais junta de mim!  
Ella era divina, tão pura e formosa,  
Qual pallida rosa n'um verde jardim.

Oh! filha das nevas, formosa dos ares,  
Das vagas dos mares rubando na praia!  
Einda palhitas na alvura do leito  
E a rosa, sem goito, dos labios desmaia!!

Vem ver estas vagas no leito de espuma  
Inundando a terra quando é pluvial.  
Ess surgem dos mares as nuvens brilhantes  
E vão triumphantes p'ra o leito brumal.

Eu quero contar-te somente no auxilio,  
Ouvindo um gemido teu seio soltar;  
Eu quero no leito da neve brilhante  
Paixão delirante a ti revelar.

M. Barboza tem não antes amores  
Metidos nas almas que no peito soffreu?

Oh! vem ajudar-me da leito se seguendo,  
E vamos correndo p'ra o nosso hymeneo.

Oh! vem, vem, minha alma, mover-me não posso!  
Um só riso teu me vem alegrar!...  
Desperta-te, oh! virgem! do leito dormente,  
E vem, pois, combette commigo brincar.

Assim yozava meu peito queixoso,  
E já esse gozo sem mais esperar;  
Vio beijo depondo nos labios da virgem;  
E uma vertigem me vem fatigar.

Depois neardeu-se do leito sorrindo,  
Qual neve cahindo das céos a brilhar;  
Eu via tão linda co'o gesto risoado,  
Mas tudo era sonho, que eu via reinar!

AVELLAR ANDRADE.